

XXXI COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



[Com/Con]tradições na História da Arte

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade Estadual de Campinas

Outubro 2011

Apontamentos sobre Ulises Carrión

Paulo Antonio de Menezes Pereira da Silveira
Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul

Resumo

O estudo da atuação do artista mexicano Ulises Carrión (1941-1989) possibilita o acesso a uma personalidade marcante do período de estabelecimento da arte contemporânea, e facilita a compreensão do circuito simbólico alternativo internacional nos anos 70 e 80.

Palavras-chave: Ulises Carrión. Publicações de artista. Livro de artista. Arte postal. Arte contemporânea.

Abstract

The study of the activity of Mexican artist Ulises Carrión (1941-1989) provides access to a remarkable personality of the period of settlement of contemporary art, and facilitates the understanding of the symbolic alternative international circuit in the 70s and 80s.

Keywords: Ulises Carrión. Artist's publications. Artist's book. Mail art. Contemporary art.

O artista mexicano Ulises Carrión tem, hoje, o seu público pesquisador dividido em dois segmentos. O primeiro grupo é formado pelo crescente número de jovens artistas pesquisadores que se esforçam em melhor compreender as relações entre seu contexto sociocultural midiático e informatizado e o conceito histórico de rede global, organizado a partir dos anos

60, e que fecundou irreversivelmente ideias e iniciativas. Seu análogo, o segundo grupo, é formado por um contingente crescente de historiadores e teóricos que se empenham na busca e organização crítica das informações disponíveis sobre as circunstâncias da arte. Essas duas colunas metodológicas atuam como aparelhos de prospecção, sendo responsáveis diretos pelo estudo da ossatura identitária do espírito de rede. Apontam-se personagens, ações, obras, juízos. E assim restituímos ao imaginário os nossos heróis fundadores. O carisma de Ulises Carrión não precisaria de ajuda interpretativa, mas enfatizaremos a sua importância, constatando a justa renovação do reconhecimento de seu legado, bem como a ascensão de sua influência artística supranacional, num fenômeno com estatura crescente.¹

Boa parte da vida de Ulises Carrión Bogard (San Andrés Tuxtla, México, 1941) esteve assentada na mobilidade, primeiro na busca de um caminho produtivo próprio, mais tarde como um arauto de suas proposições. Percorreu países importantes que vivenciavam laços interdisciplinares entre visualidade e palavra escrita, ligações que também ajudou a formar. Saindo do seu país, esteve em praticamente toda a Europa (que passaria a ser base de suas atividades) e nas Américas do Norte e do Sul. Foi um empreendedor da arte, um divulgador das novas linguagens, um pequeno gerente

¹ Uma versão adaptada e reduzida desta comunicação foi publicada anteriormente em língua inglesa. SILVEIRA, Paulo. The space and time of Ulises. In: MA Curating Contemporary Art students at the Royal College of Art (org.). *Gossip, Scandal and Good Manners: works by Ulises Carrión*. London: Royal College of Art, 2010. p. 7-9.

do mercado simbólico. Em Amsterdam criou, em 1975, com Aart van Barneveld, a Other Books and So, livraria e galeria pioneira em seu gênero na Europa. Sua loja vendia arte a preços baixos, comercializando edições de nomes em vias de ingressar na história. Seu círculo de amizades crescia, atraindo muitos artistas a seus arquivos. Mas a livraria atuou somente até 1978. Em 1980 o acervo passaria a constituir o Other Books and So Archive, com duração até o seu falecimento, em 1989, aos 48 anos (informações biográficas adicionais podem ser conferidas em Hellion, 2003).

A qualidade de sua atividade em vida nos permite lamentar o cancelamento de um futuro brilhante. Com sua morte o fluxo de informações sofreu um abalo. Carrión era insubstituível. Considerava o arquivo como resultado das suas concepções teóricas, o que o habilitaria à condição de obra de arte, mesmo que também reunisse elementos constitutivos não estéticos. Desta forma, uma obra poderia conter outras, sem conflitos. A Other Books and So mostrava desinteresse pela literatura tradicional e reconhecia as artes visuais como estando contidas em um universo maior, a cultura. A importância de empreendimentos desse tipo (e dos bens dos quais são empresários ou curadores) reafirma que temporalidade e discursividade também são fundamentos econômicos das artes visuais. A geração de Carrión não tinha dúvidas quando a isso. Os anos seguintes confirmariam seus argumentos através da continuidade ou do estabelecimento de

entrepósitos comerciais mais ou menos semelhantes. Às vezes mais eficientes, às vezes menos, os espaços de comercialização de arte acessível são simultaneamente alternativos e complementares ao sistema. Locais como Printed Matter, Art Metropole, Boekie Woekie, Florence Loewy, Bookartbookshop, etc., estão unidos por um público consumidor com interesses específicos comuns. No que diz respeito ao seu papel no sistema, pode-se afirmar que são lojas ímpares, candidatas à participação especial na historiografia da arte.

Carrión surge perante nossas pesquisas oferecendo-nos a emoção de uma descoberta que se ramifica. Seu discurso, ainda que se apresente como simples, exige reflexão. Para quem busca a mobilidade e a acessibilidade do livro como obra de arte ou como um veículo para trânsito bidirecional (matéria-prima para expressão artística ou uma fonte de informação verbo-visual), o contato com os seus textos é indispensável. Sua obra escrita é ampla, incluindo literatura e teatro, mas relativamente pequena quanto aos problemas específicos das artes visuais. A causa pode estar em sua opção em abandonar o texto convencional e se voltar intensamente ao uso da linguagem fora dos contextos habituais. Apesar disso, sua produção ensaística é relevante. Pelo menos um encontro será inevitável para quem procure suas ideias, a leitura de *El arte nuevo de hacer libros*, artigo publicado na revista *Plural*, Cidade do México, e no mesmo ano em *Kontexts*, Amsterdam. Por possuir versão em inglês, *The new art of making*

books prosseguiu com trânsito internacional. Ganhou uma qualificada distribuição quando publicado na coletânea *Second Thoughts*, 1980, que proporcionou um caráter de permanência, apesar da tiragem moderada de exemplares. Sua divulgação efetivamente se intensificaria com a presença em *Artists' books: a critical anthology and sourcebook*, 1985, organizada por Joan Lyons, ou em publicações internacionais diversas (como em catálogos de exposições).

The new art of making books é a peça de escrita mais conhecida de Carrión (ver Carrión, 2011, a tradução para o português feita por Amir Brito Cadôr). A forma positiva e sem rodeios de explicar o espectro formal do livro de artista em geral e do livro-obra em particular ainda não foi superada. Sua argumentação tinha a eficiência dos apelos de venda. Em coletâneas e catálogos, ou de mão em mão, o artigo continuou a ser redescoberto pelos novos interessados nos problemas conceituais desse campo, ainda causando admiração, dando-se à leitura como um regulamento, a idealização de um modelo. Com objetividade imperativa e confiante, sem noções rebuscadas, suas proposições estão entre os postulados mais claros e precisos de sua época. Como o texto é, de fato, programático, parece possuir afinidades com os manifestos das vanguardas modernas. Nesse sentido, é veículo de uma construção discursiva tradicional e reguladora, portanto correndo o risco de ser interpretada como alienígena aos procedimentos contemporâneos. É preciso, por isso, ver o texto como uma parcela de uma

totalidade operativa que parte de um ex-literato, um ex-homem de letras que pressentiu a (ou decidiu-se pela) insuficiência lingüística e instrumental da literatura em sua vida.

Uma objetividade menos dogmática e mais reflexiva seria encontrada em outro texto inaugurador, *Bookworks revisited*, fruto de conferências nos Estados Unidos em 1979 e 1980 (Schraenen, 1992, p. 123 e 124, incluindo as conferências de 1978 no Brasil). Também foi divulgado em *Second thoughts*. Em retórica mais coloquial e opinativa, mas ainda professoral, reconhece a situação intelectual do artista: “We are no longer innocent.” O esforço em construir uma demonstração se repete na estrutura de um vídeo com título semelhante, *Bookworks revisited: part 1* (sugerindo uma continuação, que não houve), de 1986, apresentado pela frase manuscrita nos créditos de abertura (*A selection, both limited in scope and quite arbitrary, but nevertheless of great significance of bookworks from Ulises Carrión’s Other Books and So Archive*). Também aqui seu trabalho está associado às conferências que ministrava. Assim, seu discurso arriscava-se ao didatismo e se complementaria em múltiplas versões (como palestra, como artigo, como vídeo), portanto melhor entrosado com as estratégias dos veículos à disposição. Em *Bookworks revisited*, o vídeo (ou *A selection...*), a descrição do livro mostrado na abertura nem sempre aparece em transcrições impressas; a esse respeito, veja-se a versão intitulada “Other Books” em *Quant aux livres/On books*, coletânea

de textos póstuma, de 1997 (ver Carrión, 2008, reedição acrescida de comentários críticos). A primeira seqüência mostra *In alphabetical order*, livreto cujas páginas repetem a foto de um pequeno arquivo de madeira para catalogação de fichas. Carrión informa o critério da ordenação, conforme legendado em cada imagem: “People I’ve met. Artists. Non-artists. My best friends, people I love. People I admire. There has been a change in our relationship of late.” Eis aqui revelado um fator preponderante que o unia a seus amigos de diferentes nacionalidades: afeição e apego pelos seus semelhantes. No seu caso, essa qualidade era demonstrada por suas palavras, gestos e atitudes. Graças a essa atenção e empenho, ativos entre o pragmatismo e o sonho, sua existência profissional foi extremamente útil para a promoção dos artistas e das ideias de seu entorno, o meio ao qual servia.

Sobre sua obra plástica – chamemos assim –, ou sobre a avaliação plástica de sua obra, faltam estudos críticos. Ainda conhecemos poucos ensaios a propósito de sua produção. Carrión pertence a um grupo de artistas com vínculos na palavra ou na leitura (às vezes diretamente na literatura) e que firmaram suas carreiras na renovação das possibilidades de linguagem das artes visuais, portanto com complexidades estranhas à crítica tradicional: Dieter Roth, Robert Filliou, Marcel Broodthaers, Emmett Williams, Jochen Gerz, Ian Hamilton Finlay, Jiří Kolář, entre outros. Do ponto de vista visual, sua obra apresenta escassas constantes

estilísticas. A identidade estética confunde-se com a sua expressão funcional. Talvez ela possa ser localizada no conjunto de operações e movimentos que construíram sua *persona* cultural, seu caráter síncrono como sujeito e agente de um remanejamento estrutural do tempo, do espaço e da veiculação artísticos. Sua dimensão comunicativa é evidente. As suas relações com a informação estão metaforizadas no humor implícito em trabalhos-chave, como no projeto e vídeo *Gossip, scandal and good manners*, 1980-81, ou no filme em 16mm *The death of the art dealer*, 1982.

Seus amigos e as pesquisas acadêmicas mais recentes são as bases que vêm conduzindo seu legado no rumo de novas circunstâncias de apreciação. O Brasil oferece um exemplo dessa reavaliação. Carrión proferiu palestras em Recife, na Universidade Católica de Pernambuco, e em São Paulo, na Pinacoteca do Estado, em 1978, e teve trabalhos exibidos em algumas exposições coletivas de arte postal e temas relacionados no decorrer dos anos 70 e 80. Foi artista convidado do Núcleo I da XVI Bienal de São Paulo, em 1981. Mas apesar da admiração conquistada, o retorno organizado do seu pensamento e dos seus trabalhos ao país somente se daria em 2005, na 5ª Bienal do Mercosul, numa participação com curadoria de Martha Hellion, integrada ao núcleo “A (re)invenção do espaço”. Foram apresentados trabalhos de literatura, poesia visual, livros, arte postal e vídeos.

Apesar de Porto Alegre ser o local de nascimento ou de moradia de alguns de seus amigos, além de ter sediado

a única mostra individual no país de suas publicações, em 1980, a presença de sua obra assumiu uma dimensão de descoberta. A reentrada se dava em um cenário oficial de consagração, um evento de recensão. A sala especial dedicada a Carrión e seu círculo (incluindo brasileiros) demonstrou a inserção histórica de sua coerência estética e programática, admirando pesquisadores iniciantes ou experimentados. Acreditamos que a surpresa (que poderia ser considerada injusta, tendo-se em vista o contexto erudito de uma exposição desse porte) viria a estimular ainda mais as pesquisas já em andamento no país. Novas indagações seriam incluídas nas investigações acadêmicas, entre elas sobre o redimensionamento da presença e da influência qualitativa da atuação latino-americana na construção da arte contemporânea.

Essas conclusões parecerão predispostas à deferência e à apologia, mas permitem presumir que quem se aproximar de Ulises Carrión dificilmente resistirá à sua influência. Seus textos, seus vídeos, seus argumentos são admiráveis, são sedutores, com declarações cheias de convicção. Mesmo que não estejam isentas de discussão crítica (sempre existirão detalhes conceituais passíveis de objeção), suas proposições parecem definitivas. Para os pesquisadores resta o prazer do prosseguimento: a tarefa de redigir a historiografia da arte postal, da publicação de artista, da imagem em movimento, da palavra aplicada ao projeto e das estratégias culturais, incrementos que estão entre os fenômenos mais significativos na arte. A sua memória se agigantará espontaneamente, tornando-se

cada vez mais freqüente em nossos estudos. Partiremos do espírito de rede ou para ele voltaremos, e por isso nossa prazerosa viagem de retorno.

Referências Bibliográficas:

- CARRIÓN, Ulises. *A nova arte de fazer livros*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. (Tradução de Amir Brito Cadôr)
- CARRIÓN, Ulises. *Quant aux livres/ On books*. Genève: Héros-Limite, 2008.
- HELLION, Martha (org.). *Ulises Carrión: ¿Mundos personales o estrategias culturales?* [Cidade do México?]: Turner, 2003.
- SCHRAENEN, Guy. *Ulises Carrión: "We have won! Haven't we?"*. Amsterdam: Museum Fodor; Bremen: Neues Museum Weserburg, 1992.
- XVI BIENAL DE SÃO PAULO: catálogo geral. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1981. p.78-79.